

A Geografia Renovada e a compreensão do mundo atual: teoria e método

Renewed Geography and the understanding of the world today: theory and method

Geografía Renovada y comprensión del mundo actual: teoría y método

Maria Adélia de Souza – madelia.territorial@gmail.com
Professor Titular de Geografia Humana da Universidade de São Paulo.
Orcid: 0000-0002-2492-7404

Resumo

Este texto busca a compreensão e evolução da Geografia Renovada, para aprimorar sua epistemologia diante da complexidade do mundo presente. Ele alerta sobre a necessidade de um conhecimento geográfico produzido com rigor, que facilite o diálogo multidisciplinar, o aprimoramento do estatuto científico da Geografia e a retomada de um debate-tabu que é aquele da sua unidade com implicações na formação do geógrafo. As Geografias - Física e Humana e suas fragmentações - ensinadas nas universidades exibem métodos que ignoram as dinâmicas do mundo atual e o rumo a ser dado ao conhecimento geográfico sobre temas que dizem respeito à manutenção da vida humana na superfície do planeta, tais como: a intensificação do processo migratório contemporâneo, a degradação e exploração da natureza, o aumento crescente das desigualdades socioespaciais resultantes do processo de globalização, que sinalizam com suas crises a urgência da emergência de um mundo novo. As múltiplas Geografias com as quais ainda se trabalha acadêmica e cientificamente empobrecem o sentido requerido para o conhecimento do espaço geográfico, único objeto de uma Geografia científica, epistemológica e teoricamente sólida e bem constituída.

Palavras-chave: Geografia Renovada, Epistemologia da Geografia, Crítica da Geografia, Geografia, Ética do Conhecimento.

Abstract

This text seeks the understanding and evolution of Renewed Geography, to continue improving its epistemology in face of the complexity of the present world. It warns about the need for a geographic knowledge produced with rigor, which facilitates the multidisciplinary dialogue, the improvement of the scientific status of Geography and the resumption of a taboo debate that is that of its unity with implications in the training of the geographer. The Physical and Human Geographies - and their fragmentations - taught in universities, exhibit methods that ignore the dynamics of the current world and the direction to be taken by geographic knowledge. The multiple geographies with which we still work academically and scientifically impoverish the sense required for the knowledge of geographic space, the only object of a scientifically, epistemologically and theoretically solid and well constituted Geography.

Key words: Renewed Geography, Epistemology of Geography, Critique of Geography, Geography, Ethics of Knowledge.

Resumen

Este texto busca la comprensión y evolución de la Geografía Renovada, para seguir mejorando su epistemología ante la complejidad del mundo actual. Alerta sobre la necesidad de un conocimiento geográfico producido con rigor, que facilite el diálogo multidisciplinar, la mejora del estatus científico de la Geografía y la reanudación de un debate tabú que es el de su unidad con implicaciones en la formación del geógrafo. Las Geografías Físicas y Humanas - y sus fragmentaciones - que se enseñan en las universidades muestran métodos que ignoran la dinámica del mundo actual y la dirección que debe tomar el conocimiento geográfico. Las múltiples geografías con las que aún nos enfrentamos, tales como: la intensificación del proceso migratorio contemporáneo, la degradación y explotación de la naturaleza, el aumento creciente de las desigualdades socio-espaciales, resultado del proceso de globalización que señala con sus crisis la urgencia de la emergencia de un nuevo mundo. Las múltiples geografías con las que aún se trabaja académica y científicamente empobrecen el sentido necesario para el conocimiento del espacio geográfico, único objeto de una Geografía científica, epistemológica y teóricamente sólida y bien constituida.

Palabras clave: Geografía renovada, Epistemología de la geografía, Crítica de la geografía, Geografía, Ética del conocimiento.

Recebido em: 28 de agosto de 2021
Aceito: 10 de setembro de 2021
Publicado: 08 de outubro de 2021

Introdução

Esta reflexão, prioritária para todo cientista que tem o dever de conhecer a sua disciplina, foi motivada pela leitura da Introdução do excelente livro organizado por Cazenave (1998) intitulado Dicionário da Ignorância – Nas Fronteiras da Ciência. Dedico este ensaio a todas e todos jovens geógrafas e geógrafos brasileiros como um dos instrumentos para realizar seu trabalho e fazer avançar de forma rigorosamente científica esta magnífica ciência que é a Geografia, em sua evolução, teoria e prática.

Esse livro de Cazenave foi entendido pela autora como um apelo ao rigor e à firmeza em nosso campo de trabalho – a produção e reprodução do conhecimento –, mas também à prática da humildade quando se escreve um livro ou, como neste caso, um artigo. Ensina-nos que, quando escrevemos um livro ou um artigo científico, queremos exibir nosso conhecimento, nossas descobertas e nossas convicções acrescentando-lhes algo criticamente. Isso, diz-nos o autor, possibilita uma bela higiene do espírito, e quando estamos em uma perspectiva construtiva experimentamos o movimento natural de uma lógica evidente diante de um processo antagônico e complexo, mostrando com a maior clareza possível o que pretendemos.

Mas ele também nos alerta para que não nos equivoquemos cedendo à vertigem do triunfo a qualquer preço, não nos esquecendo de que há uma multidão de coisas que ainda não conhecemos. E, para permanecer no campo de construção da ciência em uma perspectiva ética, Cazenave sugere que é sempre oportuno inverter os pontos de partida: em vez de afirmações contundentes, elaborar questões e interrogar-nos sobre as coisas que não sabemos. Isso supõe, como adverte o autor, que “nós sabemos que não sabemos”.

Dito de outra maneira, a ignorância dessa maneira não é um abismo qualquer, uma “região negra” do conhecimento onde todo discurso desapareceria: a ignorância que buscamos é ao contrário fundamentada; ela é a constatação que vem atestar um ponto de partida rigoroso do saber organizado, construído e racional, ela é um apelo, para não dizer um constrangimento que impulsiona a perseguir a pesquisa científica. Enfim, se esta ignorância não é reconhecida como constitutiva na forma como a ciência é construída, ela impõe um programa que permite à ciência pipocar, um programa específico da disciplina em questão, mas que se integra sem pestanejar em todo programa geral subentende todo empreendimento daquela ciência. (CAZENAVE, 1998, p. 11)¹

Essa breve inspiração diz respeito à necessidade que a ciência geográfica tem, desde a publicação de Por uma Geografia Nova, de Milton Santos (1978), de formular perguntas a partir das leituras necessárias e urgentes que precisam ser feitas em uma obra já representativa sobre o que é a Geografia, seu objeto, seu método, sobre o que é o espaço geográfico, sobre a história da disciplina, para citar apenas alguns questionamentos, reportando-nos ao que “sabemos” e ao que “sabemos que não sabemos”.

¹ Versão gratuita do tradutor – www.DeepL.com/Translator –, revista pela autora.

Mas quais são as questões que os geógrafos precisam formular, diante do monitoramento da epistemologia da nossa disciplina, da sua produção e o que ela tem agregado ao processo de conhecimento no mundo atual, neste período técnico-científico informacional, com suas características, inovações e dinâmicas?

É preocupante – face à leitura de livros e teses, diante da audição de entrevistas de geógrafos, do exame das grades curriculares e da constituição de programas de graduação e pós-graduação das instituições de ensino superior, dos programas para concurso de ingresso, entre outros processos análogos – o desconhecimento, a fragmentação e a inconsistência que apresentam sobre o que é a Geografia, os conceitos substituídos por palavras ou metáforas, os textos tornados confusos e superficiais ou os discursos políticos e ideológicos. Porque neles a Geografia se fragmenta e se dissolve.

Neste ensaio, cujo foco – com um apelo à discussão sobre a unidade e o rigor científico – está no método, problematizamos a situação, acima brevemente delineada, como reveladora e propiciadora de um argumento irrefutável para o que venho denominando dissolução e fragmentação institucional da Geografia, que implica o seu enfraquecimento no processo de divisão acadêmica e científica do trabalho – logo, a sua representatividade como portadora do novo conhecimento tanto no ensino quanto na pesquisa, prejudicando o seu papel institucional como, por exemplo, o conhecimento da Geografia do Brasil.

Propomos, portanto, provocar esse debate de ideias, trazendo o problema à tona com argumentos e sugestões para a sua discussão de um ponto de vista rigorosamente científico e político, no sentido da defesa de uma disciplina indispensável ao conhecimento do mundo, desde que se firme epistemológica e cientificamente, ajustando-se aos reclamos da vida humana sobre a superfície do planeta no presente e nos tempos que estão por vir. A Geografia, hoje, tem como âncora o futuro e não o passado, como nos ensina Milton Santos, dadas as características do mundo atual e sua aceleração.

O lançamento de uma publicação nova como o Boletim Alfenense de Geografia em uma universidade com um jovem Programa de Pós-graduação (PPGEO) é uma oportunidade ímpar para se estimular esse debate com os geógrafos mineiros a partir de Alfnas e em todo o país, guardados o alcance de um ensaio e os limites técnicos propostos pela editoria deste boletim.

Sugerimos também que os geógrafos se dediquem a leituras filosóficas (metodológicas) e epistemológicas, como sugerem, entre tantos outros, alguns colegas que acompanho mais de perto, juntando-os à bibliografia exibida no final deste texto e que inspira este ensaio, como também os estudos e usos que faço da obra de Milton Santos.

Mas isso tem, entre outras, uma razão histórica. Basta consultar a abundante bibliografia sobre esse tema e verificar, a partir delas, que pelo menos três aspectos principais se destacam:

1. A manutenção de uma concepção de Geografia ainda no seu início, na aurora do século XX. Isso é apontado na maioria dos livros citados na bibliografia que complementa este artigo.

2. Há uma enorme confusão decorrente do tangenciar a resposta sobre o que é a Geografia, escrevendo sobre sua história sem dizer, afinal, o que ela é, mostrando apenas seu percurso, sem realizar aquilo que é fundamental, qual seja, a discussão em torno do seu objeto, o cerne da questão que envolve a sua unidade e o seu método.

3. Quando se discute sobre o que é a Geografia, temos excelentes livros de autores que constam também da bibliografia aqui mencionada, com proposições contemporâneas, como é o caso, por exemplo, de Augustin Berque (1996 e 2014), trazidos aqui, na perspectiva dos fundamentos deste artigo, com sua visão de mundo que resulta em uma interessante Mesologia.

No entanto, importa ressaltar que a paisagem emerge como uma questão principal, sempre confundida com o que é o espaço geográfico e fundamentando não a porta de entrada que é do nosso trabalho, mas sendo elaborada de forma descritiva e dominada por disciplinas particulares que implicam o abandono do espaço geográfico e retornando ao “espaço físico”, ao “espaço cultural”, ao “espaço urbano” confundido com o “espaço da cidade”, ao “espaço agrário”, ao “espaço agrícola”, ao “espaço do turismo,”etc., etc. Fundamentos da nossa fragmentação como disciplina que de fato tem um único objeto – o espaço geográfico – que é a expressão unitária de tudo isso, quando seu método é corretamente constituído. Isso é o novo da Geografia renovada que se defende aqui.

Baseados nos três pontos sumariamente delineados acima é que ainda podemos ouvir ou constatar – em textos, conferências e entrevistas – que “existem tantas geografias quantos são os geógrafos” e que desde sempre, entre nós e as demais disciplinas, o espaço geográfico, humano, sempre referido como “espaço” e deixando em aberto uma enorme dúvida e confusão que se refletem na superficialidade ou nos desvios disciplinares que dele decorre, como será abordado mais adiante neste texto².

² Do nosso ponto de vista, compreendemos o espaço geográfico como uma categoria de análise, logo como uma instância social. Um exemplo claro encontrado em autores bastante “consumidos” pela geografia e outras ciências sociais brasileiras é, por exemplo, o uso da obra de Henri Lefebvre e seu conceito de “espaço” (como produção, vastamente usado pela denominada Geografia Urbana, onde tenho minhas origens como pesquisadora, por exemplo) e o direito à cidade, sendo esta uma materialidade construída, produzida, e não um espaço da existência, mas da morte. Diga-se de passagem, que, nos primórdios da civilização, uma entre outras razões de o sedentarismo substituir o nomadismo foi a necessidade que o “ser humano” foi sentindo, para velar seus mortos, entre as demais transformações revolucionárias pelas quais a humanidade passou, reveladas, por exemplo, pela história do cultivo da terra, da agricultura. E por que estes comentários, ainda que em rodapé, são importantes? Porque é o conceito que indica o método, isto é, o percurso e as decisões que precisam ser tomadas para fazer avançar o processo e o conhecimento daquilo que se busca conhecer com rigor científico. Trazemos esta questão aqui, objeto de nossos estudos e pesquisas com outro objetivo, para exemplificar a necessidade do rigor no método.

A palavra espaço, usada por todas as disciplinas, gera confusão metodológica, imprecisão, falta de rigor conceitual. Curiosamente, Henri Lefebvre (1974), filósofo francês e autor bastante utilizado por geógrafos, urbanistas e sociólogos urbanos, embora tenha usado o espaço sem qualificação ou adjetivação, já alertava sobre a dificuldade da criação de “uma ciência do espaço”, empreendimento ao qual se dedicou e que precisa ser bem compreendido para depois usá-lo e citá-lo. É preciso perceber seu ponto de partida e seu ponto de chegada como filósofo preocupado com o que denominou “espaço social”, valendo-se dos esclarecimentos que julgou necessários em suas reflexões: a arquitetônica espacial, do espaço absoluto ao espaço abstrato, espaço contraditório, das contradições do espaço até chegar ao espaço diferencial, focando, principalmente, o urbanismo.

Assim, ainda que filosoficamente o autor tenha precisado “picotar e adjetivar” à época o espaço, para compreendê-lo e sugerir sua aplicação, como o fez, então, para o urbanismo, especialmente o francês. Lefebvre, ao nosso juízo, não elaborou uma teoria geral sobre “o espaço”. Mas essa é outra discussão.

O importante aqui, em nosso caso, é deixar de generalizar sobre o espaço, dizer de qual deles tratamos e conceituá-lo. Filosofar, fazer ciência, construir metodologias e a constituição dos métodos decorrentes no oferecem o caminho rigoroso. Por isso a discussão aqui proposta – uma discussão de métodos – é essencial. Insistimos: “métodos”, no plural, pois os caminhos da ciência são longos e os métodos vários, mesmo cuidando de um tema, de um “recorte”, como ainda se costuma ensinar. Mas esses estabelecimentos do processo de conhecimento precisam ser orgânicos, independentemente de os usarmos retirados das escolas analítica, da hermenêutica ou da dialética como seu princípio. A questão são as escolhas dos princípios e instrumentos metodológicos ajustados a cada momento do percurso, feitas corretamente e com rigor.

Não negamos aqui a importância da reflexão de Henri Lefebvre acima referida, à época, no início dos anos 1970.

Acreditamos, no entanto, que as discussões do grupo de geógrafos que se reuniu nos anos 1970 para criar a preciosa revista *Hérodote*, em torno de Yves Lacoste, frequentado inclusive por Michel Foucault (1976), refletiam sobre essa questão aqui apontada, escrevendo sobre ela, como o próprio Lacoste (1976) e, posteriormente, Neil Smith (1988), Milton Santos (1978, 1996), Soja (1993), para citar apenas alguns que se preocuparam com a questão ainda do “espaço”, mas reconhecendo que ali havia um problema epistemológico e metodológico a ser questionado e aprimorado. Não há como deixar esse processo de reflexão de lado!

É Milton Santos, no final dos anos 1970, como se sabe, que indica uma solução com sua proposta de uma Geografia Nova baseada tanto em autores geógrafos, que visitou, como em filósofos de diferentes correntes de pensamento, tratando de diferentes abordagens – filósofos existencialistas, metafísicos, da técnica, “do espaço” como Paul Ricoeur e sua fenomenologia herdada de Husserl, por exemplo, entre outros tantos por ele citado em sua vasta obra.

É fundamental quando se faz a reconstituição metodológica da Geografia, ressaltar a importância de sua periodização e emocionar-se ainda, por exemplo, com a sua defesa feita pelos mestres que nos antecederam como Albert Demangeon, em outros tempos, em outro mundo, discorrendo sobre esse tipo de prática de atualizações com seu rigor, passo número um da construção e da escolha de um método. Processos traumáticos, pois, sérios e necessários, como anunciava Emmanuel De Martonne em um texto prefaciador do livro de Demangeon, *Problèmes de Géographie Humaine* (1952) nos alerta:

Que Demangeon tenha renunciado às monografias de geografia regional, onde a geografia física tem seu papel importante, para se dedicar exclusivamente à geografia humana não é, contudo, surpreendente. (DEMANGEON, 1952, p. 3)

....

Quando em 1911, depois de seis anos passados na Universidade de Lille, A. Demangeon foi chamado para a Sorbonne, ele aí chegou decidido a ocupar seu lugar confinando-se definitivamente no domínio humano. (DEMANGEON, 1952, p. 4)³

Importa ressaltar que Demangeon produziu inicialmente, em 1905, um dos mais relevantes trabalhos na Geografia Física, fazendo história na Geografia francesa, considerado um modelo em meio às monografias geográficas que se produziam para uma região francesa, as famosas monografias regionais lablachianas. Esse trabalho, intitulado “La Plaine picarde, Picardie-Artois-Cambrésis-Beauvaisis, Étude sur les plaines de craie du Nord de la France”⁴.

Extraordinária a história da Geografia e do pensamento geográfico, valendo-se da compreensão das decisões dos geógrafos no seu firme compromisso de fazer avançar a epistemologia da disciplina. Difícil tarefa que exige muita erudição, um método compreensivo rigoroso, pois filosófico e multidisciplinar, passível de ser feito no final da carreira após um preparo de décadas! Campo, no entanto, fundamental para a epistemologia da Geografia.

Infelizmente, ainda hoje aquilo que denomino processo de institucionalização acadêmica e científica da Geografia é um processo que vem de longe e decorre de sua atualização e rigor do método. O envelhecimento da Geografia que ocorre com as mudanças do mundo faz com que, ao não a atualizar, não nos leem, não nos respeitam, não nos citam. Mas esse não é o problema essencial. Eis outra questão: lembro ao leitor que não se trata de vaidade ou mesquinhez corporativa, academicamente falando, mas de alertar sobre o dever que precisamos ter diante da ética do conhecimento, praticando-a na perspectiva da divisão acadêmica e científica do trabalho. Aos geógrafos de hoje, como desde

³ Importantíssima essa migração metodológica de Demangeon. E, na Sorbonne, logo de início ele tomou duas providências: publicar uma espécie de manual de Geografia Humana, mais conciso e mais didático do que o tratado de Jean Brunhes, conhecido por todos nós, até hoje, nas práticas da Geografia tradicional, porém avançando com relação aos seus primórdios. Muito interessante e importante a história do pensamento geográfico cujas raízes ainda carregamos, ainda que com leituras contemporâneas, como o faz a Geografia Nova e a Geografia Renovada, implícita neste nosso texto.

⁴ A planície da Picardia, Picardie-Artois-Cambrésis-Beauvaisis, Estudo sobre as planícies de giz do Norte da França. Tradução de Maria Adélia de Souza.

sempre, compete a compreensão do espaço da vida humana, denominado espaço geográfico. Retomaremos a esta discussão no item 1, logo adiante.

A revista Hérodote (1973), aqui citada e assumida também por Hildelbert Isnard (1982, pp. 11 e 12), chama a atenção para o que segue:

Esta alergia à reflexão teórica que reveste a maior parte das vezes o aspecto de indolência e de preocupação em evitar toda a polêmica teórica, esta deficiência epistemológica demonstrada pelos geógrafos traduz sem dúvida, mas de forma muito inconsciente, o mal-estar epistemológico original da geografia dos professores, a transformação de um conhecimento estratégico em um discurso apolítico e "inútil". (Herodote, discussões coletivas, redigido por Yves Lacoste, 1972, p. 22)⁵

Como nos alerta ainda Hérodote (1973), e de acordo com a hipótese levantada neste artigo sobre a dissolução da Geografia:

A ausência quase total de interesse por uma reflexão geográfica em meios muito grandes permite aos funcionários das grandes empresas capitalistas implantar estratégias espaciais cuja eficácia se deve em grande parte não tanto ao sigilo que os envolve, mas à insídia dos militantes, dos sindicalistas, em relação aos fenômenos de localização; a análise dos marxistas, fundamentalmente de tipo histórico, negligencia quase totalmente a distribuição no espaço dos fenômenos analisados teoricamente. (HÉRODOTE, 1973, p. 20)⁶

Ainda nesta introdução motivadora para a discussão da unidade da Geografia e sua institucionalização, é preciso registrar a premonição de Elisée Reclus, geógrafo anarquista francês, desses primórdios que relatamos brevemente aqui, para argumentar sobre a longa, mutante e corajosa caminhada da nossa disciplina, que insistem em parar no tempo, apesar de todos os esforços daqueles que trabalham muito para atualizá-la cientificamente. Veja-se, por exemplo, em seus *Écrits sociaux*, escritos entre 1851 e 1904, publicados pela primeira vez em Buenos Aires em 1930 e somente republicados em 2012 a importância desse geógrafo e suas reflexões!

Um geógrafo que possuía a sensibilidade para este tipo de reflexão, que fundamentava sua militância anarquista totalmente voltada para as camadas populares, exibidas no item 1 de *Écrits sociaux*, intitulado “L'évolution, la révolution et l'idéal anarchique”⁷, onde a geografia está sempre presente:

Em comparação desse fato primordial da evolução e da vida universal, é que são todos esses pequenos eventos chamados revoluções, astronômicas, geológicas, políticas? Vibrações quase insensíveis, aparências, poder-se-ia dizer. É através de miríades e miríades que as revoluções se sucedem na evolução universal, mas, por mínimas que

⁵ Traduzido com a versão gratuita do tradutor - www.DeepL.com/Translator. Revisto pela autora.

⁶ Traduzido com a versão gratuita do tradutor - www.DeepL.com/Translator. Revisto pela autora.

⁷ Evolução do Universo e revoluções parciais. Falso significado dos termos “Evolução” e “revolução”. Evolucionistas hipócritas, tímidos ou míopes. Evolução e Revolução, dois estados sucessivos do mesmo fenômeno (Reclus, 2012, p.19). Tradução de Maria Adélia de Souza.

sejam, elas fazem parte de um movimento infinito. (RECLUS, 2012, p. 19-20)

Continuo a trazer a colaboração desse extraordinário geógrafo francês e sua rigorosa ideia do que seja a totalidade e a importância do instante na relação espaço/tempo que expressa a vida e, por conseguinte, o espaço geográfico, nosso objeto de estudo. Fundamento daquilo que Max Sorre nos ensinou quando definiu a Geografia como uma ciência do movimento (que não pode ser entendida como deslocamento no “espaço” entendido como palco), vale dizer, de evoluções e revoluções, por assim dizer e que Reclus nos ensina:

Assim a ciência não vê nenhuma oposição entre essas duas palavras – evolução e revolução, que se assemelham fortemente, porém, na linguagem comum são empregadas em sentido completamente distinto de seu significado original. Longe de ver fatos da mesma ordem que se diferenciam apenas pela amplitude do movimento, homens temerosos que se assustam com qualquer mudança dão aos dois termos o significado absolutamente oposto. Evolução, sinônimo de desenvolvimento gradual, contínuo das ideias e dos costumes é apresentada como se fosse o contrário dessa coisa assustadora, a Revolução, que implica mudanças mais ou menos bruscas dos fatos. (RECLUS, 2012, p. 20)

Seria isso também responsável pela resistência que têm as geógrafas e geógrafos em atualizar sua disciplina, que permanece a mesma do ponto de vista metodológico, gerando sua eterna fragmentação, provavelmente pensada como evolução e não como revolução que o movimento do mundo exige da ciência?

E, para ir concluindo ainda com esse genial geógrafo libertário, engajado nas transformações da sociedade de seu tempo, a propósito da relação do ser humano com a Terra:

A Terra é infinitamente bela, mas para nos associarmos à sua beleza, para glorificá-la através de uma arte respeitosa, a única maneira é tornar-se livre para fazer a revolução decisiva contra o dinheiro e abolir a “luta de classes” abolindo as próprias classes. (RECLUS, 2012, p. 151).

Hoje, felizmente, a obra de Milton Santos nos traz essa mesma possibilidade libertária através de sua Geografia Nova, que tem sido lida, consultada, porém o seu método é pouco usado, embora muito citado. Trata-se, de fato, de um avanço nesse sentido da nossa institucionalidade. Lamentavelmente esse autor, desperta mais interesse em outras disciplinas do que na própria Geografia, onde felizmente seus jovens estudantes começam a se interessar por ela. Que seus professores fiquem atentos!

Para dar conta das provocações contidas na Introdução, o desenvolvimento deste texto dar-se-á em torno de três pontos essenciais:

1. A Geografia, unidade e fragmentação.
2. O fundamento da Geografia Renovada: um único objeto, o espaço geográfico, uma totalidade. Princípio do método.
3. Considerações jamais finais: então, a Geografia o que é?

É preciso insistir em que todo trabalho de reflexão, pesquisa, ensino e prática profissional dependerá da visão ética e orgânica do sujeito que o realiza e do nível de compreensão que tenha sobre o funcionamento do mundo e das dinâmicas da totalidade que o caracterizam. São princípios fundamentais, a serem observados por todas as disciplinas que constituem o processo de conhecimento, sua produção, transmissão e uso, especialmente nas ciências sociais e em todas aquelas que lidam direta ou indiretamente com a vida humana. Nisso, os geógrafos precisam refletir profundamente e desempenhar na divisão acadêmica e científica do trabalho o seu papel, que é, em um mundo globalizado, extremamente relevante.

Esta reflexão, atendendo a motivação de Cazenave, foi também estimulada pela leitura permanente e insistente dos epistemólogos da Geografia e, em especial, da obra do Milton Santos.

Este ensaio, no entanto, tem sua amplitude e profundidade compatíveis com os limites de um artigo científico para um boletim que nos oferece normas técnicas para esse tipo de elaboração.

1. A Geografia, unidade e fragmentação

A Geografia é aqui entendida como uma disciplina unificada por seu objeto (um e somente um) e seu método, cujos fundamentos e edifício metodológico são exibidos com clareza logo na Introdução de *A Natureza do Espaço – Técnica e Tempo, Razão e Emoção* (SANTOS, 1996, pp.15-22).

A Geografia é considerada uma ciência humana e social, uma ciência comprometida com o estudo do presente, de modo a contribuir com o conhecimento da realidade atual para o desvendamento dos problemas a serem superados pela humanidade a fim de garantir a manutenção da vida na superfície do planeta.

Parece ambiciosa essa proposição, como Milton Santos já supunha em seu *Por uma Geografia Nova* (SANTOS, 1978), sintonizando-se com Max. Sorre e Elisée Reclus, por exemplo, conforme exposto, ao final da Introdução deste texto, quanto à ideia de movimento como atributo da nossa disciplina.

Quando propugnamos uma nova geografia, isso pode, à primeira vista, parecer uma enorme pretensão, como se nos dispuséssemos a inventar o novo. A verdade, porém, é que tudo está sujeito à lei do movimento e da renovação, inclusive nas ciências. O novo não se inventa, descobre-se. (SANTOS, 1978, p. 1)

Por dizer respeito ao conhecimento de “todos os espaços” de vida do ser humano, como explicitado pela maioria dos geógrafos, com todas as resultantes e complexidade que isso implica neste período histórico, podemos afirmar que a Geografia pode e deve ser também compreendida como uma filosofia das técnicas com as quais o ser humano pode superar qualquer obstáculo para viver na Terra,

desde que a Política o permita, diante dos perversos e limitadores processos de acesso ao uso do território, à técnica e às tecnologias.

Assim sendo, a compreensão geográfica deste período histórico conceituado como técnico-científico e informacional em transição para o próximo, denominado por Milton Santos período demográfico ou período popular da história, não pode descartar as pesquisas desenvolvidas visando à compreensão das paisagens produzidas pelos usos do território, com todas as contradições e perversidades características deste mundo globalizado. Não a colocamos aqui como sinônimo de espaço, mas como um conceito derivado, pois não sendo instância ela é hoje produto seja do seu monitoramento por satélites, seja do trabalho humano pelo uso do território. A paisagem é o espaço geográfico visto até onde a vista alcança, como nos ensina também Milton Santos.

Para dar conta, em um artigo científico, da essência contida nos dois parágrafos acima, síntese reveladora da nossa preocupação nesta reflexão, o desenvolvimento da ideia contida no título deste item será concatenado pela exposição dos fundamentos da Geografia Renovada diferenciando-a tanto da geografia tradicional quanto das influências exercidas por teorias mais contemporâneas usadas pelos geógrafos, como aquelas apoiadas, por vezes, em um único autor – como é generalizado no Brasil nos estudos de Geografia Urbana, por exemplo, valendo-se de Henri Lefebvre, muito citado entre nós pelo uso de seus livros *La Production de l'espace* (1974) e *O Direito à Cidade* (2001), bem como de David Harvey. No entanto, apenas em dois livros deste último autor essa preocupação metodológica com a Geografia está mais explicitada: *The Explanation in Geography* (1970), produto da fase anterior de suas reflexões modificadas após a publicação do seu livro *Social Justice and the City* (1979) e *Condição Pós-Moderna* (1989), onde uma discussão sobre a experiência do espaço e do tempo é desenvolvida em sua Parte III, e daí por diante seus estudos sobre “o espaço”, a cidade e o urbano são feitos principalmente sob a ótica de sua leitura de Marx.

Usamos aqui Harvey para argumentar sobre a unidade da Geografia, fazendo-o dialogar com Milton Santos, por exemplo. Vejamos quando esse autor, ao refletir com extremo rigor sobre a epistemologia da Geografia em 1970, nos ensinava logo na primeira linha de seu Capítulo 1:

A geografia está preocupada com a descrição e explicação da diferenciação areolar da superfície terrestre. (HARVEY, 1970, p. 3)⁸

Explicava-nos, então, esse autor que tal definição adequada do campo de estudo da Geografia, tinha outras interpretações, as quais ele não iria arguir. E vai propor que essa sua definição pode ser dividida em duas metades (halves):

⁸ Geography is concerned with the description and explanation of the areal differentiation of the earth surface. Tradução de Maria Adélia de Souza.

1. A primeira metade está preocupada com a forma **como** devemos estudar os fenômenos, e em particular com as duas operações de descrição e explicação⁹.
2. A segunda metade da declaração diz respeito **ao que** devemos estudar; identifica um domínio de objetos e acontecimentos aos quais as operações de descrição e explicação devem ser aplicadas. (HARVEY, 1970, p. 3)

Considerando essas duas diferenças (metades), Harvey deixa clara a sua visão da Geografia destacando que, por conveniência, esta se constitui nos objetivos, ou nos objetivos substantivos do estudo geográfico, qual seja, a descrição e explicação (hoje falamos de compreensão, pois há fenômenos e eventos nesta contemporaneidade inexplicáveis, mas compreensíveis) dos fragmentos (áreas, areal, como ele refere) a serem considerados pelos estudos geográficos. E a primeira metade, diz o autor, será referida como o método do estudo. De fato, é a compreensão do mundo através de Marx a preocupação desse autor. O espaço aí é coadjuvante e submetido a outra disciplina, como aliás se faz usualmente no ensino e na pesquisa geográfica, ainda.

É essa concepção de Geografia que o método geográfico de Harvey apresenta em seus escritos até hoje, em sua leitura marxista sobre “o espaço”, afirmando sua opção por uma “filosofia da Geografia” (Harvey, 1970, p. 4).

Explanation in Geography ainda é uma referência importante para os estudiosos da epistemologia da Geografia, pela amplitude e profundidade com as quais o autor exibiu suas reflexões e proposições sobre o tema realizando uma importante varredura dos métodos geográficos vigentes até então (sendo que o analítico descritivo e o indutivo descritivo estão aí até hoje), passando pela geografia quantitativa, pela modelagem e pela teoria dos sistemas¹⁰. Foi sem dúvida uma obra destacada, lida por uma boa parte de nós na época. Há algo nela que permanece importante, como percurso dos métodos geográficos, em uma de suas etapas analíticas, qual seja, a da lida com o trabalho empírico. A Geografia é uma ciência empírica.

Essa obra permanece importante, apesar dos anos percorridos. Recomendamos especialmente a leitura do seu Capítulo 24, tornado considerações finais por nós, quando o autor revela exatamente o que acontecerá em seguida na sua obra: a transição para a metodologia crítica. E Marx ajudará a fazer essa transição, inegavelmente.

Outra contribuição, agora francesa, para essa discussão da unidade da Geografia é a proposta por François Durand-Dastès em um interessante e sucinto documento que consta dos Painéis (Affiches) organizados no Colóquio de Prospectiva sobre a Geografia em Paris nos dias 12 e 13 de dezembro de 1990.

⁹ The first half is concerned with how we should go about studying phenomena, and in particular it is concerned with the two operations of description and explanation. Tradução de Maria Adélia de Souza.

¹⁰ Aproveito para prestar uma homenagem e expressar minha gratidão a um dos nossos grandes geógrafos brasileiros, meu colega e amigo Roberto Lobato Corrêa, que me presenteou com o original dessa obra de David Harvey, lá nos anos 1970, quando residi no Rio de Janeiro trabalhando no SERFHAU (Serviço Federal de habitação e Urbanismo do Ministério do Interior) e frequentava assiduamente o IBGE.

Seu texto é intrigante já pelo título: O Campo da Geografia: Limites a Serem Superados. Logo na primeira frase o que nos chamou a atenção à época, esse autor afirma: “As gerações humanas não exercem suas ações sobre espaços virgens, não escrevem em uma página em branco”.

Embora, como sempre, o espaço geográfico seja sempre denominado apenas “espaço”, como temos salientado reiteradamente nesta reflexão, vale a pena reproduzir sua ideia, qual seja: a “produção do espaço” é realizada em um “espaço” já existente, de tipo bastante particular.

Esse autor nos diz que essa produção do espaço é entendida pela sociedade como heranças, portanto depende de suas próprias ações, daquelas das gerações anteriores escrevendo sua história como se fosse numa folha em branco, daí essas inscrições serem traduzidas e compreendidas por paisagens, redes, limites e fronteiras, parcelamentos de terras etc., a serem realizados, descritos, constatados, a maneira como a Geografia tem sido produzida.

Nessa perspectiva, ele nos assevera algo precioso no âmbito desta nossa discussão:

A visão das coisas assim resumida em grandes traços é a base de uma Geografia “binária” que distingue e faz dialogar (na melhor das hipóteses), uma geografia física que gera aquilo que releva das forças e dos tempos da natureza e uma geografia humana que se ocupa por um lado das forças sociais, das ações econômicas e das culturas e, por outro lado, das inscrições espaciais das ações passadas, conjunto constituinte da memória do tempo dos homens, para retomar uma expressão de O. Dollfus.

A distinção é cômoda para situar as geografias – e os geógrafos – uns em relação aos outros: ela é encontrada por toda parte, dos cursos universitários aos concursos de agregação, passando pelas seções do Conselho Nacional das Universidades. Ela é muito simples e contestável. De fato, não são as inscrições concretas das ações humanas do passado e do presente tão “físicas” como muitas das próprias coisas que são, pelo menos em parte, processos naturais? Uma rede urbana, uma cidade, parcelamentos são tão concretos quanto uma cobertura natural ou um solo; esses elementos têm também outras características comuns: os tempos de reação e as energias em questão são de ordem de grandeza semelhantes; o tempo e a energia necessários para modificar a estrutura de uma rede urbana são da mesma ordem de grandeza daqueles que fazem evoluir uma formação vegetal em relação ao seu clímax. Alguns poderão dizer que os fenômenos “naturais” escapam do controle dos agentes socioeconômicos, enquanto as ações humanas dependem exclusivamente de suas decisões? Isso significa esquecer que a complexidade das sociedades humanas é tamanha que elas colocam em jogo forças contraditórias de tal modo que os agentes políticos e econômicos não podem controlar completamente seus meios, e raramente conseguem chegar a seus fins, ao menos com aquelas que eles haviam definidos desde o início. (DURAND-DASTÈS, 1990, pp. 51-52)

Interessante reflexão desse autor, que mesmo não aceitando a ideia de totalidade defendida aqui neste ensaio, traz elementos de discussão para essa Geografia binária que ele aponta, cujo encaminhamento em sua reflexão é interessante e intrigante.

Para tanto Durand-Dastès termina seu breve texto apontando para o que ele denomina “linhas divisórias” da Geografia, propondo três grandes tipos de domínios:

1. O domínio onde as forças e os tempos da natureza apresentam especificidades consistentes e firmadas, “onde as energias e a duração são de tal ordem que escapam às ações humanas”. E exemplifica com a repartição dos continentes, dos oceanos, das grandes massas de relevo e, com menor destaque, os traços maiores da circulação atmosférica e oceânica. Diz o autor “domínio de uma natureza nada modificável, à qual as sociedades humanas devem se adaptar”.

2. O domínio onde atuam “os processos naturais e socioeconômicos que implicam duração e energias de ordem de grandeza comparável”, ainda que certamente persistam diferenças importantes entre os fatos “naturais” e os fatos “humanos”. Para o autor, essa interação é que constitui os “meios”, constantemente “organizados, produzidos e reproduzidos na história das sociedades humanas, cuja gravidade limita a ação de cada sociedade e, mais ainda, de cada agente econômico e político”. Poderíamos aqui pensar, por exemplo, nos casos dos terremotos, como aquele a que assistimos nestes dias, que acontecem permanentemente no Haiti. Natureza e sociedade em um embate de vida e morte! Mas a História talvez não explicasse essa tragédia vencida pela insistência dos habitantes, por razões a serem explicitadas pelos historiadores, geógrafos e geólogos?

3. O domínio daquilo que é cômodo chamar de as “culturas”, dando a esse termo um sentido bem amplo onde as heranças que passam de geração em geração são essencialmente verbais e gestuais, sem que a inscrição espacial do passado tenha um papel essencial: domínio da “memória-mensagem”, profundamente diferente daquela “memória inscrita”, mencionada por ele em outra parte do texto que reproduzimos nas citações feitas aqui.

Interessante esse registro e questionamento argumentado do problema que propomos discutir aqui, embora não avance em relação à unidade da nossa ciência. Aponta sua condição binária expressa, segundo o autor, nesses três domínios nos quais ele divide os estudos geográficos. Longe está, nessa reflexão, uma discussão sobre o objeto da nossa ciência.

Já Milton Santos, mais audacioso e atrevido (não nos esqueçamos de que ele se graduou em Direito), inicia sua Geografia Nova, como expusemos acima, partindo criticamente, desde o início da sua elaboração, encarando de frente uma releitura profunda dos fundamentos da Geografia que vai pouco a pouco atualizando conceitualmente, no desenvolver de sua obra até encerrar essa etapa com A Natureza do Espaço.

As escolhas dos caminhos – métodos – da Geografia devem estar estreitamente vinculadas a uma profunda compreensão de cada autor e pesquisador sobre o que é o mundo do presente, suas dinâmicas e sua complexidade – uma totalidade em movimento –, o que, aliás, se identifica com o conceito de espaço geográfico entendido como instância social, ou seja, uma totalidade em movimento que é também constituída pela cultura, pela política e pela economia. Reencontramo-nos aqui com Elisée Reclus e Milton Santos.

Faltava nessa compreensão do mundo uma abordagem sobre o espaço geográfico inovadora, e não apenas sobre o genérico “espaço” como ele é usualmente referido pelas geógrafas e geógrafos. Exigência só admitida nestes tempos onde o “espaço” a ser conquistado passa a ser um dos motivos centrais da nova racionalidade do mundo que é dada pela Política, especialmente aquela exercida pelas grandes empresas, pelos interesses hegemônicos. É disso que trata a globalização, denominação dada pelos economistas, que excluem o espaço geográfico em suas formulações e, por conseguinte, as resultantes territoriais de suas dinâmicas, as quais denominamos seletividades e desigualdades socioespaciais.

Aqui questionamos a Geografia binária e fragmentada como compreensão de áreas e suas funcionalidades tal como proposta, como exemplo, por Harvey 1070 e Durand-Dastès (1990) e muitas e muitos geógrafos brasileiros, ainda hoje. Seletividades exigidas e expressas pelo uso do território e pelas desigualdades socioespaciais resultantes das dinâmicas desta contemporaneidade revelada pelo período histórico que a caracteriza, como já afirmado anteriormente.

Sugere, este ensaio, que as geógrafas e os geógrafos saiam da zona de conforto dada pela Geografia binária e tradicional e pela Geografia Humana positivista e fragmentada e que enfrentemos um problema sério diante da ética do conhecimento, pela escancarada desatualização científica (logo metodológica) de muitas das nossas pesquisas e pela frágil consistência do que é ensinado e que se vincula à formação de geógrafos professores e pesquisadores. O maior argumento para tanto é o de que tais pesquisas ainda não reconhecem as exigências do mundo do presente, suas dinâmicas e essências.

Não há espaço neste ensaio para comentar as leituras da autora sobre as obras dos geógrafos brasileiros e suas metodologias de trabalho. Só pude oferecê-los na bibliografia aqui reunida. Concepções e fragmentações podem ser vistas com clareza, o que possibilita inúmeros debates sobre o tema em questão. Pauta interessante e abrangente a ser assumida pelas sociedades científicas e geográficas brasileiras.

Essa fragmentação, realizada por geografias que se criam sempre, reveladas pela insensatez das grades curriculares que comandam a formação das geógrafas e geógrafos brasileiros, o que tem produzido para o ensino e a pesquisa, especialmente no que diz respeito à Geografia do Brasil, e com que nível de conhecimento?

A quantidade de diplomados como professores, pesquisadores e profissionais que se colocam anualmente no mercado de trabalho, sucedendo ao autodidatismo de nossos alunos durante a elaboração de TCCs- Trabalhos de Conclusão de Curso - mal e apressadamente formulados; a produção de mestres e doutores numa pós-graduação pressionada por critérios quantitativistas de publicações, onde aspectos técnicos e vinculados ao ensino médio são apresentados como doutorados, causando enormes constrangimentos em reuniões científicas onde se realizam balanços e reflexões sérias sobre o avanço das ciências humanas, como por exemplo, aquele outrora realizado na França, referido acima através dos Affiches.

Basta fazer um levantamento de TCCs, dissertações de mestrado e doutorados, elaborar uma leitura rigorosa por quem saiba o que é a Geografia do século XXI para verificar a situação em que nos encontramos e, por decorrência, a enorme crise epistemológica em que a Geografia ainda está mergulhada, corroída também pelas metáforas do ambiental, da sustentabilidade, da inclusão social, da segurança alimentar e outras tantas de cunho neoliberal que exibem escancaradamente hoje na crise mundial, sua exaustão!

É surpreendente que, desde os anos 1970, depois de Yves Lacoste (1976) nos ensinar sobre a questão das escalas em nosso trabalho, de Milton Santos insistir em que o conceito de escala é um obstáculo para a Geografia em um mundo onde a relação lugar/mundo se dá em tempo real, não conseguimos fazer nossos colegas ilustres de outras disciplinas compreenderem que não se aplica mais o conceito de “dimensão multi escalar” com referência ao planejamento territorial (que denominam urbano e regional). Esse discurso ainda é proferido equivocadamente, por exemplo, por economistas planejadores que insistem em não respeitar a divisão acadêmica e científica do trabalho; e, nos consultar evitando, com uma prática baseada no conhecimento geográfico atualizado, um retrocesso social, pela prática equivocada que produzem. E, se não nos leem, devemos também nos perguntar: “Por quê?”.

Tudo isso, do ponto de vista deste texto, diz respeito a uma crise de conhecimento e de ética da disciplina, que com seus “produtos” em nada contribuem para com a sociedade a fim de que ela, com o conhecimento geográfico que podemos oferecer, possa resolver os seus problemas. Não há tempo aqui para desenvolver este aspecto. Isso tem sido feito em cursos e conferências, com demonstrações documentais das barbaridades de trabalhos e pesquisas que têm sido exibidas pelos bancos de dados e, bem avaliadas, por doutas comissões julgadoras.

Novos rumos precisam ser tomados para o enfrentamento de um sério debate completamente ausente em nossas massificadas sociedades científicas e seus eventos, onde a manifestação política e os compadrios superam em muito o debate científico rigoroso e sério. Impossível fazê-lo nessas circunstâncias!

Claval (2007, p. 6 e ss.), por exemplo, tem insistido nas questões epistemológicas da Geografia, propondo que ela seja, em seu nível mais simples, uma prática sem pensar, feita sobre percursos realizados, e exemplifica isso com seu percurso de carona feito na Baía de Nápoles... Mas, insiste em que há um conjunto de aspectos articulados que chamam a atenção: as linhas e formas dos relevos que detalha com cuidado, aprofundando até uma explicação, mergulhando na morfologia cárstica, que explica as falésias da lindíssima Amalfi... E assim ele vai percorrendo e juntando explicações sobre vegetação, localização dos habitantes e suas condições e funções... Fala nosso ilustre colega de uma Geografia com muitos objetos, positivista, como aliás é vista por todos nós desde sempre. Fala-se, portanto, da Geografia e não do seu objeto, como requer a epistemologia.

Paul Claval, um grande geógrafo francês destes tempos tem sido presença constante na Geografia brasileira. Sugiro que leiam seu *Épistémologie de la Géographie* (2007), no Capítulo 13 (pp. 253-272), especialmente quando trata do

“lugar da Geografia no universo dos conhecimentos (pp. 264-265). Transcrevo uma de suas proposições para que cada um possa chegar à sua conclusão e compreender sua proposta:

O lugar da Geografia no universo dos conhecimentos não depende apenas da cientificidade de sua abordagem e da qualidade dos resultados que ela propõe. Seu sucesso depende da forma como ilustra os temas que propõe, que as representações do mundo político e as geohistórias da cultura tornam moda. Seu público é tanto mais forte quanto trata de assuntos que as ideologias dominantes abordam. (CLAVAL, 2007, p. 264)¹¹

O problema da Geografia não são os assuntos de que ela trata mas também não pode expressar a ideologia do pesquisador ou professor. O jornalismo é isso, um informante de assuntos que dizem respeito a realidade cotidiana. Nossa institucionalidade, como a denominamos aqui, depende exatamente da qualidade científica com que a Geografia lida com o presente, com método, e seu objeto não é um almanaque de temas, menos ainda a opinião de quem faz uma viagem turística. Nisso discordamos.

Mas continua o mesmo autor:

A conjuntura intelectual vem mudando há uma geração. O declínio das ideologias do progresso e das filosofias da História chama a atenção para o papel do espaço. A ascensão do ecologismo e do multiculturalismo dá valor aos estudos dos geógrafos sobre o lugar, o território e o enraizamento. Esse renascimento não é isento de perigo: é em parte por sua carga ideológica que a Geografia é hoje apreciada. (CLAVAL, 2007, p. 265)

O autor tem razão quanto exhibe o argumento da ideologização da disciplina. No entanto, aqui consideramos a Geografia como uma filosofia das técnicas focada em seu objeto, o espaço geográfico, e não em um conjunto de temas escolhidos como se fora um almanaque. Ela é isto, sim, uma ciência do presente que nos faz compreender a vida humana na superfície do planeta nesta atualidade.

Não se nega aqui a imensa obra de Claval sobre a epistemologia, História e abordagens da Geografia, em sua perspectiva de trabalho, buscando sempre compreendê-la através do espaço, que culmina na atualidade com sua Geografia Cultural, reveladora da sua compreensão do que seja o espaço.

Essa escolha de temas como fundamento da compreensão da Geografia é bastante usual entre os geógrafos. E está no substrato dos textos, mesmo daqueles que fazem parte da qualidade da Geografia produzida no final do século XX e deste século XXI, como é o caso, por exemplo, de Doreen Massey, geógrafa inglesa de renome, que, em seu *Pelo Espaço – Uma Nova Política da Espacialidade* (2008), exhibe enorme erudição e mantém a mesma perspectiva da grande maioria tratando de teorizar sempre sobre o “espaço”, dificultando a reflexão sobre o ESPAÇO GEOGRÁFICO, que é o que nos interessa.

¹¹ Traduzido com a versão gratuita do tradutor - www.DeepL.com/Translator. Revisto pela autora.

Lamentavelmente, Milton Santos e sua *Natureza do Espaço, Razão Emoção* (1996) não constam da bibliografia dessa autora, nessa obra, ainda que em sua versão em língua portuguesa publicada no Brasil, seu ex-aluno Rogério Haesbaert, em sua apresentação do *Pelo Espaço*, traga à baila o conceito de território (e não de território usado) de Milton Santos, indagando - depois das singulares interpretações de Massey sobre o conceito de “lugar como eventualidade” e a empiria que ela nos traz em seu livro sobre esse tema; a ela se deve “a dimensão cultural-identitária ao contexto geográfico inglês¹². Revela-nos Haesbaert:

[...] assim como a do “território” no nosso meio talvez se deva à força das disputas territoriais num ambiente em que a “terra-território” ainda é um recurso¹³ a ser apropriado e usufruído por uma parcela cada vez mais ampla da sociedade. (MASSEY, 2008, p. 13)

O território usado como recurso e como abrigo permite a compreensão do espaço geográfico historicizado. Esses usos, obtidos em função de relações sociais e de embates entre classes sociais, têm como mediação a propriedade ou não da terra, portanto diferenciando o uso pelo cidadão e o uso pelas empresas. Isso não está esclarecido na interpretação de Milton Santos, trazida por Haesbaert acima, sobretudo sua ideia de “terra território”. Ao contrário, cria ambiguidades para compreender essa valiosa e consistente proposta conceitual feita pelo ilustre geógrafo brasileiro.

Não é objetivo deste texto exaurir a necessária discussão que se deve fazer em torno das reflexões dos colegas que cuidaram desse tema de estudo do espaço na Geografia. Discussão necessária e urgente em respeito ao trabalho dos colegas.

Toda disciplina se constitui em torno de um e somente um objeto. Logo, essa fragmentação e justaposição de conhecimentos hoje é refutável, em qualquer disciplina, uma vez que a soma das partes não dá o todo: sabe-se hoje que elas contêm o todo! E a Geografia em seus primórdios acreditava na máxima de que do geral se chegava ao particular, sem pestanejar! E até hoje, mesmo sofisticando linguagens, exibindo erudição, nossa disciplina não consegue sair das primeiras décadas do século XX! Conclusão: produzimos conhecimento velho, anacrônico. Nesta aceleração contemporânea dos tempos, as descrições e os reducionismos já não se sustentam nas descrições longas e congeladas.

Há algo que precisa urgentemente ser constatado e tratado na abordagem da Geografia pelos geógrafos. E jamais tivemos oportunidade como temos hoje de fazer aquilo que é absolutamente requerido pelo tempo presente, ou seja,

¹² Assumindo o conceito de lugar proposto por Milton Santos como sendo o “espaço do acontecer solidário” e examinando a proposta do livro acima citado, percebemos a distância e diferença epistemológica entre esses dois autores. Assinalamos que os conceitos, sempre definidos, tornam-se teorias, leis, que buscam ser universais no domínio da ciência. O lugar não pode ser de um modo na Inglaterra e de outro modo em outro lugar, a não ser que se explicita sua definição. Doreen Massey sugere a ideia de “lugar como eventualidade” e a de política do lugar como eventualidade. Sugiro ao leitor que leia o item 12 dessa obra que consta da bibliografia deste texto. E leia também sobre o lugar a proposição de Milton Santos. Não há espaço aqui para desenvolver esta interessante e importante polêmica, na perspectiva de uma epistemologia da Geografia.

¹³ (e um abrigo, diria Milton Santos).

colocar o espaço geográfico como protagonista dessa contemporaneidade. É a dinâmica do mundo que solicita dos geógrafos, aos gritos, essa providência!

Neste ensaio, o método adotado para compreender geograficamente a vida humana na superfície do planeta não separa o **como** do **o que** e do **onde**, pois, a categoria de análise utilizada para essa compreensão é o uso do território, que reúne, historicamente, nas formações socioespaciais o modo de ser do “**como**”, do “**o que**” e do “**onde**”, aspecto essencial dos estudos geográficos, desde sempre.

Como lidar com algo que muitos imaginam fixo, imóvel, passível de descrição e explicação, um tabuleiro onde as peças parecem ser colocadas aleatoriamente, sem a intervenção dos embates que a história humana realiza desde seus primórdios para sobreviver ou para explorar uns aos outros, hoje animada por um mundo dinâmico, acelerado e inexplicável?

A perversidade que caracteriza o mundo do presente, amplificada com a pandemia causada pelo Corona Vírus¹⁴, objetiva ainda mais as escolhas do processo de conhecimento nas ciências sociais, que, contrariamente ao que imaginavam os iluministas, tem o dever de desvelar o crescente processo de desigualdades socioespaciais e suas seletividades territoriais.

2. O fundamento da Geografia Renovada: um único objeto, o espaço geográfico, uma totalidade. Princípio do método.

Para que se possa produzir o trabalho científico em cada disciplina, é preciso ter a clareza que ele sempre revela explícita ou implicitamente, a visão de mundo do sujeito que o produz. Este é um dos fundamentos principais do trabalho intelectual e do trabalho acadêmico e científico. Toda leitura que se faz de um texto gera um embate entre duas visões de mundo – do autor e do seu leitor - embasadas nos fundamentos e conhecimentos disciplinares que ambos detêm.

Essa leitura é reveladora de muita coisa: da qualidade daquilo que ela (a visão de mundo) pretende transmitir, ensinar ou discutir; a erudição do autor revelada pela transmissão do seu conhecimento e de suas ideias pela qualidade do texto e pela organicidade do apoio bibliográfico e a maneira como ele é usado e citado. Esse aspecto é fundamental para compreender o autor, sua densidade de conhecimento e sua escolha metodológica, vale dizer, filosófica e política.

¹⁴ O Corona Vírus, cientificamente chamado de SARS-CoV-2. SARS é uma abreviação de uma síndrome chamada de Severe Acute Respiratory Syndrome, traduzida como Síndrome Respiratória Aguda Grave. Essa é a forma grave de muitas doenças respiratórias, e o principal sintoma é a dificuldade de respirar. Até hoje, no Brasil, a doença provocada pelo vírus, denominada Covid 19, matou mais de meio milhão de habitantes (574 mil no dia 19/08/2021). Manifestação agravada pelo processo de seletividades e desigualdades socioespaciais que a Geografia precisa estudar, através de seu objeto, não como Patologia, Virologia ou Infectologia. Eis uma das questões de método que este artigo suscita, buscando por exemplo um diálogo com a denominada Geografia da Saúde, no passado trabalhada por Max Sorre e seus “complexos patogênicos”, com sua visão sistêmica.

Então, o que é o mundo hoje e o que ele expressa para se refletir na produção do conhecimento geográfico?

Para a autora deste texto, “o mundo sou eu, minha vida e minhas circunstâncias”, inspirada na obra de Ortega y Gasset, um importante filósofo da técnica, ou em Sartre (2010, p. 17), apoiando-se em Heidegger, a propósito da discussão do objeto de estudo da Psicologia, discussão que aliás é do mais alto interesse para o “tabu” que se constituiu em torno da discussão sobre “as geografias” que aprendemos e praticamos.

Os psicólogos não se dão conta, com efeito, de que é tão impossível atingir a essência amontoando os acidentes quando chegar à unidade acrescentando indefinidamente Algarismos à direita de 0,99.¹⁵ Se eles tiverem por meta apenas acumular conhecimento de detalhe, não há nada a dizer; simplesmente não se percebe o interesse desses trabalhos de colecionador. Mas se estiverem animados, em sua modéstia, pela esperança, louvável em si, de que com base em suas monografias se realizará mais tarde uma síntese antropológica, estão em plena contradição consigo mesmos. Dir-se-á que esse é precisamente o método e a ambição das ciências da natureza. A isso cabe responder que as ciências da natureza não visam conhecer o mundo, mas as condições de possibilidades de certos fenômenos gerais.¹⁶ Há muito essa noção de mundo se dissipou sob a crítica dos metodologistas, e isto precisamente porque não se poderia ao mesmo tempo aplicar os métodos das ciências positivas e esperar que eles conduzam um dia a descobrir o sentido dessa totalidade sintética que chamam mundo. Ora, o homem é um ser do mesmo tipo que o mundo, é mesmo possível, como acredita Heidegger, que as noções de mundo e “de realidade humana” (*dasein*) sejam inseparáveis.¹⁷ (SARTRE, 2010)

O que propomos aqui é, essencialmente, uma questão de método. Não há outra maneira de resgatar a Geografia, o que, aliás, Milton Santos havia percebido e deixa claro em seu livro *Por uma Geografia Nova*, de 1975, como já apontado, anteriormente.

Retomando a questão da compreensão do mundo, proposta por Milton Santos (2000 e 1994), entendido como fábula, perversidade e uma outra globalização e criador de um meio técnico-científico informacional indispensável para seu funcionamento, ou de um outro mundo, como propõe Bermejo (2012), em *A Consagração da Mentira*, entre a realidade e o silêncio, um olhar atento sobre o mundo de hoje não poderá deixar de caracterizá-lo pelo aumento das desigualdades socioespaciais e pela perversidade, mas também pela possibilidade

¹⁵ Não haveria, pela ausência do conceito correto de espaço geográfico e do território usado na Geografia, a necessidade de acrescentar não Algarismos, mas qualificações à direita da Geografia: Física, Humana, Urbana, da População, do Desenvolvimento, do Turismo, da Sustentabilidade, da Indústria, indefinidamente, ou até da Desigualdade, como eu mesma já fiz equivocadamente?
¹⁶ *O itálico é nosso.*

¹⁷ O itálico é nosso. Percebam a semelhança do tipo de discussão que nos negamos a fazer e nos tornamos colecionadores de fatos, o que do ponto de vista da compreensão do espaço de vida o homem não nos ajuda muito, especialmente nesta contemporaneidade. E destaque-se o parasitismo que temos das ciências positivas, da natureza, onde a descrição ainda tem cabimento, dadas as suas especificidades e possibilidades de experimentação e análises laboratoriais. Mas não se experimenta com a vida humana!

que ele mesmo nos oferece de resistência, de revanche, de rumos mais solidários e humanos. Esta é a concepção de mundo que está fundamentando a Geografia aqui exibida, os temas de pesquisa, reflexões e os debates propostos pela autora do texto.

No entanto, essa ideia de totalidade-mundo está bastante fundamentada nas propostas de Sartre (1985), com suas noções de totalidade e totalização, conceitos centrais para essa velha discussão entre os geógrafos sobre as geografias Física e Humana, sobre o geral e o particular, sobre o todo e as partes.

A totalidade se define como um ser que, radicalmente distinto da soma de suas partes, se encontra todo inteiro – sob uma ou outra forma – em cada uma delas e que se relaciona consigo mesmo seja por sua relação com uma ou várias dessas partes, seja em relação com as relações que todas ou muitas de suas partes mantêm entre si. Mas essa realidade, sendo, por hipótese, feita (um quadro, uma sinfonia, são exemplos, se levarmos essa integração ao limite), não pode não ser no imaginário, isto é, como correlativo de um ato da imaginação. (SARTRE, 1990 p. 162).

E prossegue Sartre, como se dialogasse com os geógrafos e com a Geografia Nova e Renovada, e isto é muito importante nesta discussão sobre a unidade da nossa disciplina:

O estatuto ontológico que ela (a totalidade¹⁸) reclama por sua própria definição é aquele do Em si¹⁹ ou, se preferirmos, do inerte²⁰. A unidade sintética que produzirá sua aparência de totalidade não pode ser um ato, mas apenas o vestígio de uma ação passada (o modo como a forma de uma medalha é o resíduo passivo da sua cunhagem). A inércia do Em si devora essa aparência de unidade com seu ser-em-exterioridade²¹; a totalidade passiva é, com efeito, devorada por uma infinita divisibilidade. ²² Assim ela não é, como potência agindo para reter as partes, apenas o correlativo de um ato da imaginação: a sinfonia ou a pintura – como mostrei em outro lugar – são imaginários visíveis através do conjunto de cores secas ou da erupção de sons que lhes servem de analogia. E, quando se trata dos objetos práticos – máquinas, utensílios, objetos de consumo direto etc. –, é a nossa ação atual que lhes dá a aparência de totalidades ressuscitando – de qualquer forma – a práxis que tentou totalizar a inércia. Nós veremos mais adiante que essas totalidades inertes têm uma importância fundamental e que elas criam entre os homens este tipo de relação que nomeamos, adiante de prático inerte²³. (SARTRE, 1990, p. 162)

¹⁸ Esses parênteses são nossos.

¹⁹ O grifo é nosso.

²⁰ O grifo é nosso.

²¹ O grifo é nosso.

²² *Prático-inerte*, noção introduzida por Sartre, significando a prática, depositada nas coisas, tornada condição para novas práticas. Essa pode ser a essência da fragmentação da Geografia, em função da impossibilidade de alcançar a totalidade como sinônimo de espaço geográfico, como propõe Milton Santos (1985, pp. 61-64), pela “visibilidade” do “espaço”, sempre vistos apenas como forma e funcionalidade. Mas o espaço geográfico é forma, função, processo e estrutura, categorias de análise do espaço geográfico propostas por esse autor.

²³ O grifo é nosso, dada a importância desse conceito para a compreensão do espaço geográfico tornado paisagem, entendida pela Geografia Renovada como trabalho morto (conceito inspirado nas reflexões de Marx). É bom relembrar aqui que o espaço geográfico, instância social, é também

Tais citações, que reconhecemos serem extensas, são argumentos centrais para se discutir tanto a questão da unidade da Geografia, diferente da do Sistema Mundo (Brunet e Dolfus, 1990) ou a de geossistema, muito utilizada especialmente pelos geógrafos que lidam com a Geografia Física, hoje também denominada Ambiental. Há aí um interessante debate epistemológico e teórico a ser feito sobre os conceitos de espaço geográfico, ambiente e meio, por exemplo, pois não são sinônimos, indicando métodos e metodologias de pesquisa e estudo diversas.

Acrescente-se a isso a ideia de o espaço geográfico ser um híbrido, pois o processo da História, em sua marcha, não separa o que é natural do que é artificial, como nos lembra Milton Santos (1996, p. 81), o natural e o político. Com isso ele introduz na discussão da Geografia um equívoco metodológico trazido pela modernidade que é o de trabalhar a partir de conceitos puros, uma separação entre as coisas e os sujeitos, a natureza e a política. Esse é, segundo Bruno Latour, um dos grandes dilemas do paradoxo moderno, qual seja, a separação total entre a natureza e a cultura (apud Santos, 1996, p. 81).

É diante dessa indagação formulada por muitos, como Michel Serres, Bruno Latour, Gilbert Simondon e Hägerstrand, que Milton Santos vai enunciar a sua definição de espaço geográfico: indissociabilidade entre sistemas de objetos e sistemas de ações, identificados como hibridez (expressas pelas formas/conteúdo), dada a inseparabilidade entre a natureza (o mundo dos objetos, desde o natural até os técnicos (segunda natureza) e as ações, os atos humanos que elas significam.

Assim como há no trabalho humano uma intencionalidade do sujeito em suas ações, o espaço geográfico pode também revelar, desvelar essas intencionalidades como racionalidades ou contra racionalidades. Imaginava-se que todas as coisas “no espaço geográfico” funcionariam em termos de uma racionalidade “vencedora”, o todo e tudo articulado entre si, impessoalizado. Perfeito.

No entanto, a sociedade, grande maestrina desse concerto, cada vez mais deixa evidente que sua ação provoca reações de igual ou maior intensidade, exibindo aqui um aprendizado com a Química, desestabilizando a tal racionalidade que, de fato, exhibe nela mesma o DNA da contra racionalidade. A todo instante na História, na cidade, no campo, em todo o planeta, realizam-se eventos que exibem esse paradoxo.

Para os geógrafos, tanto na cidade, acionada pelo mundo urbano, quanto no rural, acionado pelo mundo agrícola, tais paradoxos são evidenciados com clareza: a racionalidade da produção da cidade pelo interesse imobiliário convivendo com o empobrecimento da periferia e as contra racionalidades da carência de todos os serviços e equipamentos de interesse coletivo. Na

assimilado como “segunda natureza”, conforme sugere também Marx, entendido assim por esta autora à partir da compreensão do mundo como “um conjunto de possibilidades”, hoje possibilitadas pelas técnicas e pela tecnologia.

racionalidade do mundo agrícola, a convivência da perversidade das ações do agronegócio com a modificação radical da estrutura agrária, as expulsões da população rural, das populações originárias, dos quilombolas etc. Mundo, portanto, com embate permanente entre racionalidades e contra racionalidades, cujo ninho se encontra no processo de uso do território através da constituição dos lugares, espaços do acontecer solidário, vale dizer, berço da política, expressão essencial e importante dos sujeitos que decidem, produzem as dinâmicas socioespaciais. Não há condição aqui para um desenvolvimento sobre o lugar nessa perspectiva, mas cabe apenas registrar a possibilidade de funcionamento do binômio lugar/mundo, uma das principais características das dinâmicas contemporâneas, expressas pelo espaço geográfico.

Todas essas ideias são extraídas da leitura feita pela autora da obra de Milton Santos e de muitos dos seus inspiradores. Seria cansativo e inoportuno continuar a referenciar a todo o tempo a sua obra, que sugerimos vivamente seja lida, discutida, aplicada para então ser refutada. Ela é por demais importante e reveladora do mundo do presente para não ser considerada.

Aqui, é oportuno lembrar Carlyle (1840) quando ele sugere que devemos mergulhar em nós mesmos, saber o que queremos, valendo-nos de toda amplitude que a Natureza nos oferece. Trata-se de um dever, do verdadeiro sentido da presença do homem sobre a terra: “É uma necessidade do ser humano, e a primeira lei da nossa existência”.

Conhecer o mundo humano, focado em suas práticas para existir não se “relacionando” com a natureza, mas agindo sobre ela, transformando-a, danificando-a, subordinando-a, tal é a essência da proposta da Geografia. A sociedade no seu tempo presente usando o território, agindo na transformação das dinâmicas socioespaciais, com seus tempos de ações – atualmente incluindo o tempo cotidiano – e não o tempo longo da própria natureza. Este é objeto de outras disciplinas, de outros métodos, de outros conhecimentos aos quais, por vezes, precisamos recorrer para ajudar a compreender o espaço geográfico, como é o caso das paisagens resultante dos terremotos, dos tsunamis, das enchentes e demais riscos impostos pelo planeta aos seres humanos e a todos os seres vivos.

Devemos, no entanto, produzir o conhecimento geográfico a partir da compreensão da “indissociabilidade entre objetos e ações” resultante da prática existencial humana no presente. Essa é a tese central da Geografia renovada e única, pois social, aqui proposta. Insiste-se: a discussão precisa ser sobre o objeto da disciplina e não sobre sua denominação, que somente gera fragmentação e fragilidade metodológica. A questão central é: como estudar o todo sempre revelado por eventos particulares sem fragmentar a totalidade que é o espaço geográfico como instância. Essa é a tarefa contemporânea dos geógrafos. Essa reflexão de Sartre é exemplar para se compreender esse processo da totalidade agindo, logo do espaço geográfico que se nos revela como prático-inerte: Dando seqüência as reflexões das páginas anteriores:

Se algo, com efeito, deve existir que se apresenta como unidade sintética do diverso, só pode tratar-se de uma unificação em processo, isto é, de um ato. A unificação sintética de uma habitação não é simplesmente o

trabalho que a produziu, é também o ato de habitar: reduzido a si mesmo, ele retorna à multiplicidade da inércia. Assim, a totalização tem o mesmo status da totalidade: através das multiplicidades ela prossegue esse trabalho sintético que faz de cada parte uma manifestação do conjunto e refere o conjunto a ele mesmo pela mediação das partes. (SARTRE, 1990, pp. 162-163)

O espaço geográfico, espaço banal ou espaço de todos torna-se, portanto, com sua definição, a teoria a ser testada como novo paradigma da Geografia Nova proposta por Milton, ponto no qual temos insistido muito até aqui neste texto. Não esquecendo que ela é uma ciência empírica, comandada por uma filosofia da técnica, motor essencial da produção das paisagens no mundo de hoje, de forma acelerada, com sérias implicações na vida humana sobre a superfície do planeta. Daí a proposição de Milton Santos, sustentada em autores geógrafos e, sobretudo, filósofos, de que a Geografia é uma filosofia das técnicas.

Quando geógrafos escrevem que a sociedade opera no espaço geográfico por meio de sistemas de comunicação e transportes, eles estão certos, mas que relação, que se deve buscar, entre o espaço e o fenômeno técnico é abrangente de todas as manifestações da técnica, incluídas as técnicas da própria ação. (SANTOS, 1996, p. 31)

Trata-se, portanto, do fundamento do método – entendido como um sistema coerente de ideias, logo de conceitos e definições orgânicas entre si temporal e espacialmente – a ser operacionalizado quando da produção do conhecimento novo. Não se estuda o presente nem o futuro com ferramentas metodológicas do passado, especialmente na Geografia.

Uma ferramenta metodológica importante para essa operacionalização, qual seja, a empiricização do espaço/tempo agindo, é a matriz de periodização²⁴, a identificação de períodos²⁵. Ela nos dá a condição indispensável para a compreensão do espaço geográfico, entendido como uma totalidade em movimento, a partir da possibilidade de exibir as coexistências (no espaço) e as sucessões (no tempo). Quando historicizado pelas especificidades das formações socioespaciais, ele gera, de acordo com a nossa compreensão, um conceito derivado, historicamente determinado, que é o de território usado.

É assim que o espaço geográfico como instância social se transforma em uma categoria social (histórica) de análise. Importa ressaltar que o território usado é aquele conceito que permite constituir métodos científicos para compreender a vida humana constituindo sua história na superfície do planeta, direito de uso inalienável que lhe é, portanto, naturalmente concedido desde o primeiro instante de sua existência.

²⁴ Matriz de periodização é uma ferramenta analítica, um quadro de dupla entrada, onde os eventos e os fatos são situados de modo a permitir o conhecimento das sucessões e coexistências dos fatos e eventos históricos, mostrando assim as suas interdependências e indissociabilidades.

²⁵ No conceito de tempo histórico, *período* é a dimensão temporal decorrida entre dois fatos ou mesmo entre duas épocas, de maior ou menor dimensão cronológica. O período será assim o tempo histórico considerado entre acontecimentos (ou fatos) fundamentais e convencionalmente definidos para balizar o seu princípio e o seu fim. Existem períodos longos e períodos curtos, os quais se encaixam no âmbito de ocorrência dos de maior dimensão.

Este texto/ensaio, com essas definições, está propondo e avançando em relação a Milton Santos quando afirma que “espaço geográfico e território usado” são sinônimos. Divergimos do grande mestre nessa assertiva, como demonstramos acima brevemente. O território usado é o espaço geográfico historicizado pelas formações socioespaciais e é constituído nelas e por elas.

Para a Geografia Nova e Renovada, o território como conceito geográfico só pode ser assim denominado para que o uso, conceito justaposto a ele, permita os estudos da humanidade existindo social e politicamente na superfície do planeta. Dessa forma a Geografia precisa seus conceitos, de modo a não se confundir com a maneira genérica e esvaziada com a qual “espaço” e “território” são referidos em várias disciplinas, como a Antropologia, a Sociologia, a Economia, a Política, o Urbanismo, a Medicina, para citar alguns exemplos. Insistimos: referindo-se ao espaço geográfico, o território é sempre usado ou praticado, como nos ensina Ana Clara Torres Ribeiro em seus textos.

Para finalizar este item sobre o espaço geográfico como totalidade, é importante deixar registrada esta reflexão de Gilbert Simondon (2012, p. 221) quando nos propõe que “a tecnicidade é uma das duas fases fundamentais do modo de existência do conjunto constituído pelo homem e o mundo”.

Não há como desenvolver, neste texto que já se alonga, as interessantes reflexões feitas por Simondon a respeito da tecnicidade, quando ele relaciona o pensamento técnico, o pensamento teórico e o pensamento prático elaborando sobre a atividade estética e trazendo a discussão sobre o poder de divergência contido na autonomia do desenvolvimento das técnicas, das religiões e da comunicação e os tipos de juízos e respectivas saturações que ensejam. Tema pensado pelo filósofo no século passado que vivenciamos no século XX, muito especialmente no Brasil, com implicações sérias nas dinâmicas do espaço geográfico e suas repercussões atuais nos usos do território brasileiro, a chamada questão climática, a invasão e ocupação ilegal de terra, o genocídio dos povos primitivos e dos pretos, para citar alguns exemplos.

Malgrado a provocação para os debates, esta reflexão nos encoraja, de fato, a defender o espaço geográfico como uma instância social, uma totalidade em movimento, e o modo de desvendá-lo com uma Geografia entendida como filosofia das técnicas. Caso contrário, como compreender as paisagens, porta de entrada visível do nosso trabalho? Como compreender geograficamente o mundo hoje?

3. Considerações finais: afinal, a Geografia o que é?

A partir do desenvolvimento deste texto até aqui, e diante dos fundamentos expostos, o leitor pode ainda perguntar: Afinal, o que é a Geografia hoje? Como ela pode produzir conhecimentos que dão conta da voracidade do mundo de hoje e de sua aceleração?

Como o método analítico descritivo e o positivismo e o neopositivismo, que ainda a caracterizam e a grande maioria da produção geográfica no Brasil e no mundo afora, dão conta de oferecer à sociedade um conhecimento que a faça

superar os imensos e complexos obstáculos do presente? Como enfrentar o aumento das seletividades e desigualdades socioespaciais que resultam no aumento da fome e da miséria, dos movimentos migratórios em massa propiciados por guerras persistentes no mundo pobre e pela miséria que se constitui em função da mudança acelerada dos modos de vida, onde a técnica e as tecnologias desempenham um papel central e cujo uso vem desestruturando o processo de trabalho e, por conseguinte, a vida de milhões de seres humanos?

A Geografia aqui elaborada terá a compreensão profunda do conceito/teoria exibido pelo espaço geográfico como seu único objeto de estudo, entendido como instância social, conforme Santos (1978, 1985, 1996, entre muitos outros de seus escritos) e que poderá dar conta da produção de um conhecimento geográfico consentâneo com essas características e dinâmicas do mundo atual.

Buscou-se, no desenvolvimento deste texto, advogar teoricamente a unidade da Geografia com uma discussão epistemológica sobre seu único objeto – o espaço geográfico

A necessidade fundamental nesta contemporaneidade é o aprimoramento do conhecimento das disciplinas sobre o conhecimento do mundo, como proposto acima por Heidegger ou por Ortega y Gasset, como algo inseparável da “realidade humana”.

Se falamos em totalidade como princípio do método, sugerem-se aqui, para a produção do conhecimento geográfico, as práticas da multidisciplinaridade (relativas às práticas do sujeito) e da interdisciplinaridade (característica do objeto de estudo, da realidade concreta) (SOUZA, 2015).

Embora constitua um tema correlato ao tratado neste texto, a prática multidisciplinar faz parte do cotidiano da vida do geógrafo desde sempre. O que ele não tem tido cuidado é não abandonar o espaço geográfico, seu objeto, e lidar com ele funcionalmente através de outros métodos disciplinares, como a Economia no caso da “Geografia Econômica”, aspectos socioculturais inerentes a essa totalidade-mundo, particularizado pela fragmentação das interpretações da cultura pela “Geografia Cultural”, o estudo de uma prática econômica como o turismo como uma “Geografia do Turismo” e as aberrações das “geografias tantas quantas são os geógrafos” expressas pelas “Geografia das Cidades Médias”, “Geografias da Desigualdade”²⁶ até, provavelmente produzir-se uma espantosa “Geografia da Sustentabilidade”, apequenando a visão de uma disciplina tão atual, complexa e necessária, com o reducionismo de descrição e a tipificação de paisagens.

A descrição e a organização de tipologias são incapazes de dar conta de um mundo em aceleração e em mudanças permanentes.

Diferentemente das ciências positivas, como sugere Sartre, as ciências humanas precisam lidar com esse mundo sem congelá-lo! É preciso trocar o pneu

²⁶ Como esta autora já propôs no passado, equivocadamente.

de um carro em movimento! E a única forma de fazê-lo é com o aprimoramento do método, valendo-se da teoria.

Compreender é olhar o mundo com os próprios olhos, objetivamente, com mediação teórica, sem a subjetividade descritiva ou ideológica, como nos ensinam aqueles que entendem do processo de produção do conhecimento. Não há tempo aqui para avançar nesta questão. Sugiro, então, a leitura de Adorno/Horkheimer (1985), Bergson (2005), além de tantos outros, como Althusser (1978) e Santos (1982). Ou mesmo Foucault (2011), Latour (1995) e Nietzsche (2004)!

Insistimos na complexidade e importância do trabalho dos geógrafos com trecho extraído de um dos mais belos livros de Milton Santos (1982, p. 25):

Desfetichizar o homem e o espaço é arrancar à Natureza os símbolos que ocultam a sua verdade, vale dizer: “tornar significativa a Natureza e tornar naturais os signos” (GILLO DORTFLEX, jan. 1972) é revalorizar o trabalho e revalorizar o próprio homem, para que ele não seja mais tratado como valor de troca.

Além da confusão que sempre se faz entre espaço geográfico e território, aqui eles foram examinados como conceitos distintos, mas interdependentes: um é uma instância social, categoria de análise que emana de uma interpretação filosófica, o outro – o território usado – decorre da história, das práticas sociais.

Importa ressaltar que para discutir a Geografia, o que ela é, se faz necessário discutir seu objeto. É o objeto que funda a disciplina e não o contrário como nos ensinam os livros de epistemologia! Caso contrário, permanecemos no passado, quando a Geografia falava sobre tudo e discorria sobre tudo.

Vamos concluir este texto, além da nossa proposta desenvolvida até aqui, examinando como alguns autores no século XX definem a Geografia.

Com os instrumentos aqui oferecidos, imaginamos que o leitor possa, a partir deles, ter consciência e liberdade de escolha para a constituição de seu método de pesquisa, seja qual for a escola geográfica trabalhe. Ressaltamos que um trabalho de Geografia empírico bem respaldado teoricamente, independentemente da escola a que o leitor se vincule é de valor inestimável. E convém registrar que o trabalho empírico pode ter valor ainda que se valha do método analítico e descritivo. Ele apenas descreve um momento congelado no tempo, não incorporando a possibilidade – revelada aqui pela construção de uma matriz de periodização -- de considerar de fato o espaço geográfico como uma totalidade em movimento. No caso empírico, o que de fato o autor está examinando é a paisagem, e não com o espaço geográfico. Isso também dependerá dos objetivos pretendidos pelo autor ou pesquisador.

Iniciaremos o trecho final deste prazeroso percurso de elaboração deste texto trazendo a constatação de como a Geografia é uma ciência dinâmica, testemunhos de autores seminais da nossa disciplina, mas também outros, como Fernand Braudel, um dos nossos importantes interlocutores.

Uma pequena resenha será elaborada a partir da definição dada à nossa disciplina através dos tempos por vários autores para oferecer ao leitor mais elementos para a sua reflexão sobre a tese, aqui defendida, da unidade da Geografia a partir do método e de um só objeto de estudo que como totalidade em movimento se expressa no espaço geográfico como várias paisagens, produto da “indissociabilidade entre sistema de objetos e ações”, de onde deve ter origem seu método unificador.

Convém iniciar com uma obra seminal para todos os geógrafos brasileiros, especialmente os mais velhos e que se formaram na Universidade de São Paulo a partir dos anos 1950.

Começemos com o Panorama da Geografia, organizado por Vitorino Magalhães Godinho, historiador e professor da Universidade Nova de Lisboa com a colaboração de Alfredo Fernandes Martins, geógrafo professor da Universidade de Coimbra, e Joel Serrão, historiador e professor da Universidade de Lisboa. É interessante ressaltar o que afirma o líder dessa obra, em suas Palavras Preliminares, logo no início do primeiro parágrafo:

GEOGRAFIA: descrição da Terra. Sob significado aparentemente tão simples, quantas perplexidades e até angústias não se escondem hoje! Angústias das massas, num mundo profundamente dividido por antagonismos de sistemas econômicos-sociais e de organizações e orientações políticas, por divergências religiosas e ideológicas à busca de um equilíbrio ansiosamente desejado e sempre esquivo. Perplexidades dos geógrafos, como de todos os que se ocupam das ciências humanas, devidas não só às mudanças em célere cadência da própria realidade e às exigências iniludíveis de tomada de posição como cidadãos e como homens, mas também ao desenvolvimento intrínseco dos diversos ramos de estudo dos problemas humanos. (Godinho, 1952, logo na primeira página da obra, sem numeração)

...

Para fazer autêntica Geografia, o geógrafo tem indubitavelmente de muito andar ao sol e à chuva pelos caminhos do mundo, de colecionar muitas fotografias e dados de observação de observadores idôneos, mas não pode deixar também de aplicar o método regressivo, procurar discernir na paisagem que contempla o retoque fugaz do momento das linhas mestras que atravessam o tempo, recolhendo as observações, os mapas, os desenhos e as fotografias de há dois, dez, vinte, cinquenta, cem anos; deve, por outro lado, rebuscar todo os materiais relativos às sociedades humanas desde há meio século ou um século. [...] O trabalho do geógrafo não acaba, porém, quando o mapa está desenhado, quando traduziu em configuração espacial os fenômenos humanos estudados. (GODINHO, 1952, buscar as páginas 8 e 9 das Palavras Preliminares, que está sem numeração).

Texto de enorme atualidade e de uma elegância e perspicácia escrito por um historiador.

No entanto, como veremos a seguir, de modo geral os geógrafos discutem sempre “as Geografias”, não seu objeto de estudo, embora enunciem os princípios do método. Esse é um argumento contundente para a persistência e permanência do processo de fragmentação da Geografia. E ele aí está desde as origens,

asseverado por Emmanuel de Martonne, apoiado inclusive nos princípios do método que ele enuncia nesse seu texto, quais sejam: 1. o princípio da extensão que vem de Ratzel; 2. o princípio de Geografia Geral, segundo ele “rigorosamente” exposto por Ritter; e 3. o princípio da causalidade.

Mas esses princípios conduzem sempre ao método analítico descritivo e a explicações hoje superadas por aqueles que buscam compreender a constituição do processo de conhecimento que não se dá mais por “explicação” (existem no mundo processos inexplicáveis, inaceitáveis), mas por compreensão (compreende-se um processo, um evento, uma ação, embora sem aceitá-las).

Vejamos o que escreve Emmanuel de Martonne, discípulo de Vidal de La Blache:

Tais são os três princípios essenciais do método geográfico, mas é necessário compreender bem que o verdadeiro geógrafo deve tê-los aos três, simultaneamente, diante dos olhos. (MARTONNE, 1952, p. 19)
[...]

Em resumo, a Geografia moderna encara a distribuição à superfície do globo dos fenômenos físicos, biológicos e humanos, as causas dessa distribuição e as relações locais desses fenômenos. (Idem, p. 20)

Ai estão, portanto, aquelas consideradas geografias importantes e que permanecem até hoje nas nossas grades curriculares gerando seu filhotes interminavelmente: a Geografia Física, a Geografia Biológica, como foi denominada nos primórdios, hoje Biogeografia, e a Geografia Humana, a mais fragmentada de todas elas.

Além disso, no Prefácio da quarta edição, Martonne afirma: “Os progressos da geografia dos seres vivos nada têm a ver com as circunstâncias políticas”. Embora inaceitável nos tempos presentes, muitos dos autores ligados à Geografia Física insistem, nos seus textos, em não se “humanizar”, ainda que estudem vulcanismo, semiaridez, formas de relevo, entre tantos de seus temas. Há munção para muito debate ainda não realizado desde 1952! Sérios problemas de método.

Examinemos também Max Sorre e Pierre George, dada a sua importância não apenas pela formação de excelentes geógrafos franceses, mas também pelo papel que tiveram na formação da Geografia brasileira, e vejamos as suas respectivas definições de Geografia,

Geografia, no sentido etimológico, significa descrição da Terra. E, com um consenso geral, da Terra com tudo o que contém e do que é inseparável, de tudo o que vive na sua superfície e a anima, da humanidade que a transforma e enriquece com traços novos. Pensando nesta última, os gregos falavam do ecúmeno. Enquanto a Geografia Física estuda os elementos inertes e a Geografia Biológica se ocupa dos seres vivos, a Geografia Humana é a parte da Geografia Geral que trata dos homens e suas obras do ponto de vista das suas obras e da sua distribuição na superfície terrestre. É a descrição do ecúmeno. (SORRE, 2003, p. 137)

Sorre, apesar de sua sensibilidade às dinâmicas do mundo e precursor do anúncio do papel das técnicas em sua mudança, mantém a Geografia tripartite: Física, Biológica e Humana.

Pierre George, que sem dúvida alguma teve um papel importantíssimo na Geografia francesa do século XX, no Dicionário da Geografia, cuja produção ele coordenou, define assim a Geografia no respectivo verbete, ocupa três páginas do dicionário:

[...] a Geografia é uma ciência humana depois de ter sido em certos períodos uma ciência matemática (definição e medida das formas e das dimensões da Terra). O seu objetivo é detectar e, na medida do possível, avaliar a natureza e intensidade das relações e relações que caracterizam e moldam a vida dos grupos humanos. Estas relações são definidas em quadros espaciais de dimensões hierárquicas, numa escala planetária (Geografia Geral), numa escala continental ou subcontinental (Geografia Zonal e Regional) e numa escala local (Geografia Local, Regional ou Urbana). (GEORGE, 1970, p. 202)²⁷

O geógrafo Paul Claval sempre nos ofereceu obras importantes, como já apontamos neste ensaio, onde discute a epistemologia e a metodologia da Geografia (2012, 1996, 2001).

Em seu excelente livro *Da Terra aos Homens* (2012), ele entende a Geografia como uma “disciplina complexa, difícil de definir em poucas linhas” (idem, p. 28). E continua: “a Geografia é antes de tudo feita de práticas e de ‘savoir-faire’ indispensáveis a vida dos indivíduos e dos grupos”, asserção que ele desenvolve no primeiro capítulo dessa sua obra mais recente (2012, pp. 29-53) e que consta de nossa bibliografia.

Essa é, no entanto, a tradicional forma de lidar com a disciplina e que tem implicado no tabu que assola a produção atualizada do conhecimento geográfico: por não se saber o que ela é, a Geografia pode ser tudo. Nesses assuntos divergimos do grande mestre que tem influenciado muito a produção do conhecimento geográfico brasileiro com a tradução de seus livros para o português, incluindo o que versa sobre a epistemologia da Geografia.

Em sua totalidade, a Geografia proposta e praticada no mundo hoje, inclusive no Brasil, não se distancia da velha escola francesa. Compartilho aqui uma bibliografia que venho lendo e consultando há décadas, onde há proposições sobre a definição do que seja a Geografia e seu método.

A Geografia nova proposta por Milton Santos, com o rigor, a coerência e a organicidade que tem, está muito adiante, como proposta epistemológica e metodológica objetiva, das demais que temos estudado, cotejando-a também com leituras sobre Teoria do Conhecimento, Filosofia da Ciência, Ética do Conhecimento e sobre a ação científica, como propõe Bruno Latour. E mais recentemente juntamos às nossas leituras a proposta de Augustin Berque.

²⁷ Tradução de Maria Adélia de Souza.

E assim lidamos com uma amplitude de visões de mundo e da Geografia que nos têm permitido aprofundar os conhecimentos nesse campo e adquirir segurança em meu percurso. E há muito ainda o que evoluir!

Claro, também, que muitos dos geógrafos “do Norte” não leem o que se produz no Sul, a ponto de Bailly²⁸ (1997: p. 6) afirmar:

A geografia ainda raramente proporciona a oportunidade de longos desenvolvimentos em epistemologia. No pior dos casos, alguns consideram que "é filosofia" (seria isso uma desvantagem?) e outros que "não é geografia" (mas sem dizer o que é)²⁹. (BAILLY, 1997, p. 6)

Esse autor tem razão com relação à raridade do debate epistemológico e à explicitação do que é a Geografia.

A hipótese formulada no início deste artigo diz respeito à defesa da unidade da Geografia, argumentando também contra a sua fragmentação e dissolução. Essa preocupação é compartilhada por Isnard, Racine e Reymond:

No refrão das humanidades, a Geografia não consegue fazer ouvir a sua voz. Está ausente, se não excluída, dos órgãos que deliberam sobre planejamento espacial. As disciplinas agressivas competem com sucesso pelo domínio que, desde Heródoto, pensava estar reservado para ele. Retirou-se para um último refúgio, dentro da Universidade, cujos muros o seu discurso escolástico não atravessa. Limita-se a "a descrição da Terra", como a sua etimologia sugeriria. É frequentemente uma descrição erudita, projetando a sua luz sobre os detalhes da realidade. Ainda hoje, a sua suprema ambição é ser "um relato tão sincero quanto possível das ações dos homens na superfície da nossa terra". Já não basta escrever: é também necessário explicar, conhecer o mecanismo da realidade para resolver os problemas que ela coloca à Vida e à Sobrevivência dos homens³⁰. (ISNARD, RACINE e REYMOND, 1981, pp. 15-16)

O objetivo deste artigo é compartilhar essa preocupação com o leitor, oferecer uma análise crítica do que pode ser constatado e convidar os geógrafos a avançar epistemologicamente e cumprir um dever ético, na lida com o conhecimento do espaço geográfico, espaço banal, espaço da existência, espaço da vida de todos os seres vivos. Esses são os princípios centrais da preocupação dos geógrafos quando produzem ou transmitem o conhecimento geográfico.

Finalizando, e deixando a cada leitor a sua conclusão, alertando-o no sentido de que é preciso ultrapassar as descrições, a realização de tipologias, a

²⁸ Relembrando que *Por uma Geografia Nova* de Milton Santos, com preocupação exclusivamente epistemológica, é de 1978 e cuja preocupação com uma nova epistemologia da Geografia já havia sido anunciada pelo seu *O Espaço Dividido - Os Dois Circuitos da Economia Urbana*, lançado na França em sua primeira edição (1975) – portanto, quase vinte anos antes dessa afirmação de Bailly. Em *O Espaço Divido*, logo na Introdução Milton Santos revela a sua preocupação de buscar um novo paradigma para se compreender a urbanização do mundo pobre (chamado por ele, então, de país subdesenvolvido).

²⁹ Tradução de Maria Adélia de Souza.

³⁰ Tradução Maria Adélia de Souza.

lida com metáforas como se fossem conceito. Para tanto, é preciso construir um arcabouço conceitual coerente, que permita a construção e a operacionalização de um método específico para cada ciência: a metodologia geográfica não existia até bem pouco tempo atrás, como tentamos demonstrar especialmente no final deste texto com as diferentes abordagens e definições de Geografia.

Acreditamos que a Geografia Nova nos oferece esse edifício metodológico de que necessitamos também para recuperar a importância social de nossa disciplina institucionalmente, não individualmente, como tem acontecido em nosso país, sobretudo com o encolhimento e a importância do “G” do IBGE, com o empurrão dado pelos próprios geógrafos, na reunião da AGB em Fortaleza em 1978, com uma ingênua discussão sobre o papel e a importância de uma “Geografia Oficial” que se confundiu com a importância e a necessidade de renovação da Geografia. A criança foi jogada fora junto com a água do seu banho.

BIBLIOGRAFIA GERAL (citada, consultada e lida):

- ALTHUSSER, Louis. **Sobre o trabalho teórico**. Portugal: Presença/Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1978.
- BAILLY, Antoine, FERRAS, Robert. **Éléments d'épistémologie de la Géographie**. Paris: Armand Colin. 1997.
- BENKO, Georges, STROHMAYER, Ulf. (orgs.). **Geography, History and Social Sciences**. Dordrecht (Holanda.): Luwer Academic Publishers. 1995.
- BERMEJO, José Carlos. **La Consagración de la Mentira. Entre la realidad y el silencio**. Madrid: Siglo XXI de España. 2012.
- BETTANINI, Tonino. Espaço e Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.
- BUNGE, William. **Appendix to Theoretical Geography**. Lund: C.W.K. Publishers. 1966.
- BRUNET, Roger, DOLFFUS, Olivier. **Mondes nouveaux**. Géographie Universelle. Paris: Hachette/Reclus. 1990.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Condição Espacial**. São Paulo: Contexto. 2011.
- CARLYLE, Thomas. **O Herói como Divindade** em: Heróis e Adoração ao Herói (1840). In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_grande_homem#cite_note-1 consultado em junho e agosto de 2021, às 15h28.
- CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORREA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995.
- CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORREA, Roberto Lobato (Orgs.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1997.
- CAZENAVE, Michel (org.). **Dictionnaire de l'ignorance. Aux frontières de la Science**. Paris: Albin Michel, (Sciences d'aujourd'hui), 1998.

- CLAVAL, Paul. **Géographie humaine et économique contemporaine**. Paris: PUF, 1984.
- CLAVAL, Paul. **Histoire de la Géographie. Col.** Que sais-je? Paris: PUF, 1995
- CLAVAL, Paul. **Épistémologie de la Géographie**. Paris: Éditions Nathan/VUEF, 2001.
- CLAVAL, Paul. **Épistémologie de la Géographie**. Paris: Armand Colin, 2007.
- CLAVAL, Paul. **De la terre aux hommes. La Géographie comme vision du monde**. Paris: Armand Colin, 2012 (Le Temps des idées).
- CLOSIER, René. **História da Geografia**. Sintra: Publicações Europa-América (Coleção Saber), 1972.
- CONTI, José Bueno. **A Geografia Física e as Relações Sociedade/Natureza no Mundo Tropical**. São Paulo: Humanitas Publicações, FFLCH/USP, 1997.
- CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- DANTAS, Aldo, GALENO, Alex. Organizadores. **Geografia. Ciência do Complexus**. Porto Alegre: Editora Sulina. 2004.
- DEMANGEON, Albert. **La Plaine picarde, Picardie-Artois-Cambrésis-Beauvaisis, Étude sur le plaines de crai du Nord de la France**. Paris: Librairie Armand Colin, 1905, 1 vol. in 8.º.
- DEMANGEON, Albert. **Problèmes de Géographie humaine**. Paris: Librairie Armand Collin, 1952.
- DESMARAIS, Gaëtan e RITCHOT, Gilles. **La Géographie structurale**. Paris: L'Harmattan, 2000.
- DOLLFUS, Olivier. **O Espaço Geográfico**. Rio de Janeiro: 5. ed. Bertrand Brasil, 1991.
- DURAN-DASTÈS, François. **Le Champ de la Géographie: des limites à déplacer**. In: Ministère de la Recherche et de la Technologie. Grands Colloques de Prospective. Affiches de la Géographie. La Géographie. Situer, évaluer, modéliser. Paris: Maison de la Géographie, 12-13 décembre 1990.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a Geografia. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, pp.153-165.
- FOUCAULT, Michel. **A ORDEM DO DISCURSO Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo. Edições Loyola. 2011.
- GEORGE, Pierre. **Les Méthodes de la Géographie**. Paris: PUF, 1970.
- GEORGE, Pierre. **Dictionnaire de la Géographie**. Paris: PUF, 1970.
- GEORGE, Pierre; GUGLIEMO, Raymond; LACOSTE, Yves e KAYSER, Bernard. **A Geografia Ativa**. São Paulo-Rio de Janeiro: Difel/Edusp, 1980.
- GODINHO, Vitor Magalhães; MARTINS, Alfredo Fernandes e FERRÃO, Joel. **Panorama da Geografia**. Cosmos, 1953.
- HARVEY, David. **Explanation in GEOGRAPHY**. London: Edward Arnold Publishers Ltd., 1969.
- HARVEY, David **Social Justice and the City**. London: Edward Arnold, 1975.
- HARVEY, David. **A Justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.
- HARVEY, David **The Limites to Capital**. Great Britain: Basil Blackwell, 1984.

- HARVEY, David **Los Limites del Capitalismo y la Teoria Marxista**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- HARVEY, David **Condição Pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. São Paulo: Loyola, 1992
- HARVEY, David **Espaços de Esperança**. São Paulo: Loyola, 2012.
- ISNARD, H.; RACINE J.-B e REYMOND, H. **Problématiques de la Géographie**. Paris: PUF, 1981.
- ISNARD, Hildebert. **O Espaço Geográfico**. Coimbra: Almedina, 1982.
- LACOSTE, Yves. **La Géographie, ça sert à faire la guerre**. Paris: Maspero, 1976.
- LATOUR, Bruno. **La Science en action**. Paris. Gallimard, Collection Folio/Essais. 1995.
- LATOUR, Bruno. **Enquête sur les modes d'existence**. Paris, La Découverte. 2012.
- LEFEBVRE, Henri. **La Production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1974.
- LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- MARTONNE, Emmanuel de. **Geografia Física**. In: GODINHO, Vitor Magalhães, MARTINS, Alfredo Fernandes e FERRÃO, Joel. Panorama da Geografia, Vol. I, Livro I. Lisboa: Cosmos, 1953.
- MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço. Uma Nova Política da Espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MENDONÇA, Francisco. **Geografia Física: Ciência Humana?** Coleção Repensando a Geografia. São Paulo: Contexto, 1989.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Travessia da Crise (Tendências atuais na Geografia)**. In: FIBGE. Revista Brasileira de Geografia ano 50, n. especial, t. 2. Rio de Janeiro, 1998, p. 127 – 150.
- MORAES, Antonio Carlos Roberto de. **Geografia. Pequena História Crítica**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- MORAES, Antonio Carlos Roberto de e COSTA, Wanderley Messias da. **A Valorização do Espaço**. São Paulo: Hucitec, 1984.
- MOREIRA, Ruy. **O que é a Geografia. São Paulo: 9. ed. Brasiliense, 1988**.
- MOREIRA, Ruy. **O Pensamento Geográfico Brasileiro**. Vol 1: As Matrizes Clássicas Originárias. São Paulo: Contexto, 2015.
- MUKAKAYUMBA, Édith e LAMARRE, Jules (orgs.). **La Géographie en question**. Paris: Armand Colin/Recherches, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos do espólio**. Julho de 1882 a inverno de 1883/1884. Brasília: UNB, 2004
- NUNES, Hikaro Kayo de Brito e AMORIN, Wagner Vinicius. **Sobrevoo Teórico Conceitual e Metodológico em Torno da(s) Geografia(s) Humana(s) Francesa(s): Notas Provocativas**. In: Terra Livre, n. 55, vol. 2. São Paulo: AGB/SP, 2020.
- ORTEGA Y GASSET, José. **Lo que es Conocimiento**. Madrid: Revista de Occidente/Alianza Editorial, 1984.
- ORTEGA Y GASSET, José. **Meditaciones sobre la Técnica**. Madrid: Revista de Occidente/Alianza Editorial, 1998.
- ORTEGA Y GASSET, José. **La Rebelión de las Massas**. Edição eletrônica: Ridendo Castigat Mores. Tradução: Herrera Filho (www.jahr.org).

- PEET, Richard. **Geografia Contra el Neoliberalismo**. Barcelona: Icaria/Espacios Críticos, 2012.
- PINCHEMEL, Philippe e Geneviève. **La Face de la Terre. Eléments de Géographie**. Paris: Armand Colin/Masson, 1988.
- QUAINI, Massimo. **Marxismo e Geografia**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- QUAINI, Massimo. **A Construção da Geografia Humana**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- RECLUS, Élisée. **Écrits socias**. Collection Feuilles d'herbes. Genève: Héros-Limite, 2012.
- RETAILLÉ, Denis. **Le Monde du géographe**. Paris: Presses de Sciences Po. (Références inédites), 1997.
- SALGUEIRO, Heliana Angotti. **Pierre Monbeig e a Geografia Humana Brasileira**. Bauru: EDUSC, 2006.
- SANTOS, Milton. **L'Espace partagé. Les deux circuits de l'économie urbaine des pays sous-développés**. Paris: Éditions M.TH. Génin. Librairies techniques, 1975.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1978.
- SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. São Paulo: Vozes, 1979.
- SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.
- SANTOS, Milton. **Espaço & Método**. São Paulo: Nobel, 1985.
- SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização do Pensamento Único à Consciência Universal**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.
- SARTRE, Jean-Paul. **Critique de la raison dialectique**. Tomes I et II. Paris: Gallimard, 1985 (data da edição utilizada).
- SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma Teoria das emoções**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- SIMONDON, Gilbert. **Du mode d'existence des objects techniques**. Paris: Aubier, 2012.
- SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual: Natureza, Capital e a Produção de Espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- SOJA, Edward W. **Geografias Pós-modernas: A Reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- SORRE, Max. **El Hombre en la Tierra**. Barcelona: Labor, 1967.
- SORRE, Max. **A Geografia Humana. Introdução**. Geographia. Ano V, n. 10. Niterói: Revista do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFF (Universidade Federal Fluminense), 2003
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. **Max Sorre: Um filósofo geógrafo. O sentimento de unidade da Geografia do homem**. In: Geosul, v. 2, n. 23, pp. 138-144. Revista do Departamento de Geociências/CFH. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.
- SOUZA, Maria Adélia. **MULTIDISCIPLINARIDADES NA PESQUISA GEOGRÁFICA CONTEMPORÂNEA**. In: Marcio Mendes Rocha, Estevão Garbin (coordenação). Maringá: UEM-PGE, 2015, p. 7-22.
- SPÓSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia**. São Paulo: Unesp, 2004.

UGI – União Geográfica Internacional e CNAG – Comitê Nacional Americano de Geografia. **La Géographie, c'est la découverte**. Tema do 27.º Congresso Internacional de Geografia. Washington: UGI, 1992.

VARIOS AUTORES. O espaço em questão. Revista Terra Livre. São Paulo: AGB, 1988.